



**JORNADA ACADÊMICA E MOSTRA CIENTÍFICA DE FARMÁCIA E
ANÁLISES CLÍNICAS DO VALE DO JURUENA**

23 e 24/10/2017

ISSN: 2594-9659

**JORNADA ACADÊMICA E MOSTRA CIENTÍFICA DE FARMÁCIA
E ANÁLISES CLÍNICAS DO VALE DO JURUENA**

V. 1 Edição 01 pp. 1-19

A RESILIÊNCIA E A AÇÃO DOCENTE

Albérico Cony CAVALCANTI¹

RESUMO: Compreendendo o significado do desenvolvimento humano e criando condições para o aprimoramento e identificação da própria identidade humana na sua totalidade (bio-psíquica-social-espiritual). Objetivo: Essa pesquisa visa demonstrar a melhoria nas ações pedagógicas no ambiente de sala de aula com o desenvolvimento da resiliência. Este artigo, com base na metodologia qualitativa, dentro de uma abordagem fenomenológica, do conhecimento interdisciplinar, estrutura-se em algumas disciplinas, principalmente pela Física Moderna, pela Psicologia Humanista e Analítica, pela Antropologia e pela Filosofia. As obras compiladas, conforme as Referências Bibliográficas levou-me a compreender a relação singular e congruente de muitos constructos criados por alguns pensadores. Embora seja difícil avaliar, descrever completamente o que pensam os pensadores num trabalho preliminar, compreender a importância dessa relação, abre caminho para outros articulistas e pensadores. O trabalho desenvolvido por eles ‘acenam’ com a possibilidade de uma prática pedagógica ínsita praticamente em toda sala de aula. Espiritualidade é outra singularidade no trabalho desses autores. É fato, tanto nas linhas quanto nas entrelinhas, a reflexão com alunos, através da qual eles trabalham o desenvolvimento da religiosidade, pois na medida em que ocorre o encontro

¹ Docente na Faculdade do Vale do Juruena – AJES. Mestre em Educação pelo IE-UFMT; Cuiabá- MT. Pedagogo e Psicólogo. (cony1@terra.com.br)

consigo mesmo, o ser humano sente a necessidade de se religar a uma Causa Criadora do Cosmos, num trabalho ético. Utilizamos uma abordagem qualitativa. Nessa pesquisa, as áreas de atuação para efeito de investigação é a Educação e os fenômenos humanos.

Palavras-chave: Resiliência. Ação Docente. Professor. Aluno.

ABSTRACT: Understanding the meaning of human development and creating conditions for the improvement and identification of human identity in its entirety (bio-psychic-social-spiritual). Objective: This research aims to demonstrate the improvement in pedagogical actions in the classroom environment with the development of resilience. This article, based on the qualitative methodology, within a phenomenological approach, of interdisciplinary knowledge, is structured in some disciplines, mainly by Modern Physics, Humanistic and Analytical Psychology, Anthropology and Philosophy. The works compiled according to the Bibliographical References led me to understand the singular and congruent relation of many constructs created by some thinkers. Although it is difficult to evaluate, to describe fully what thinkers think in preliminary work, to understand the importance of this relationship, it opens the way for other writers and thinkers. Their work 'beckons' with the possibility of a pedagogical practice embedded practically in every classroom. Spirituality is another singularity in the work of these authors. It is a fact, both in the lines and in between the lines, reflection with students, through which they work the development of religiosity, because as the encounter occurs with itself, the human being feels the need to reconnect to a Creative Cause of the Cosmos, in an ethical work. We use a qualitative approach. In this research, the areas of action for research purposes are Education and human phenomena.

Keywords: Resilience. Teaching action. Teacher. Student.

INTRODUÇÃO

A resiliência é a capacidade do indivíduo ou grupo resistirem a situações adversas, num processo de resignificação e compreensão da vida, de forma continuada.

Este trabalho contextualiza como objeto de verificação as possibilidades da vivência da resiliência na ação docente, estruturando uma dinâmica de harmonia, de interesse para os alunos.

É um trabalho de pesquisa bibliográfica, tendo como alicerce a Especialização realizada pelo autor em Psicologia Transpessoal aplicada à Educação, sobretudo, através da Apostila Uma Abordagem Holístico-Transpessoal da Educação (CERQUEIRA FILHO, 1999).

Autores como Lüdke e André discutem sobre pesquisa em educação de uma maneira geral, afirmam que: “Para se realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele” (LUDKE, ANDRÉ, 1986).

Por muito tempo, o estudo dos fenômenos educacionais, foi interpretado através das medições e quantificações, onde o pesquisador seguia um estilo diferente do atual. Procuravam isolar as variáveis básicas que constituíam as hipóteses, utilizavam instrumentos de medida, recorreriam às estatísticas, ou seja, orientavam-se pelos princípios ou métodos das ciências físicas e naturais.

A utilização da expressão investigação qualitativa é usada como um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características. Os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas e de complexo tratamento estatístico (CAVALCANTI, 2006).

O entendimento sobre autoconhecimento, autoestima, determinação, motivação e espiritualidade, ainda é insuficiente para se fazer enfrentamentos significativos e adequados para a resolução de problemas. Espiritualidade, no seu sentido humano, filosófico, psicológico, por exemplo, é confundido com religião. (CAVALCANTI, 2015)

A resiliência parece ser plausível, considera-se um esforço interessante para a desenvolvimento das cinco dimensões que estruturam a resiliência fará uma diferença na prática pedagógica quando se estabelece ou não se estabelece uma relação harmoniosa entre docente e discente. Comprometimento com a colaboratividade, com a formação humana, humanizadora, humanizável, gera ações pedagógicas para a formação cidadã efetiva.

Essa pesquisa visa demonstrar a melhoria nas ações pedagógicas no ambiente de sala de aula com o desenvolvimento da resiliência.

METODOLOGIA

Essa pesquisa trata-se de um estudo qualitativo, pois busca explicar o desenvolvimento da resiliência, nesta perspectiva da ação docente, seguindo análises dos pensamentos estruturados na Filosofia, na Sociologia, na Psicologia, na Antropologia, na Pedagogia, trabalhando com o universo de significados, crenças e valores, correspondendo ao espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Autores como Lüdke e André, que discutem sobre pesquisa em educação de uma maneira geral, afirmam que: “Para se realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele”. (LUDKE, ANDRÉ, 1986)

Em geral, isso se faz, conforme explicam os autores, a partir do assunto de um problema, que ao mesmo tempo desperta o interesse do pesquisador e limita sua atividade de pesquisa a uma determinada porção do saber, a qual ele se compromete a construir naquele momento.

Atualmente, um dos métodos mais difundidos na prática de pesquisas com enfoque educacionais, vem a ser, sem dúvida, o da pesquisa qualitativa ou abordagem qualitativa. Nessa pesquisa, as áreas de atuação para efeito de investigação é a Educação e os fenômenos humanos.

Observa-se aqui que vários autores, ao que parece, compartilham do ponto de vista de que a pesquisa qualitativa tem suas raízes nas práticas desenvolvidas primeiramente pelos antropólogos e depois pelos sociólogos em seus estudos sobre a vida em comunidades. Só mais recentemente é que irrompe a investigação educacional.

Por muito tempo, o estudo dos fenômenos educacionais, foi interpretado através das medições e quantificações, onde o pesquisador seguia um estilo diferente do atual. Procuravam isolar as variáveis básicas que constituíam as hipóteses, utilizavam instrumentos de medida, recorreriam às estatísticas, ou seja, orientavam-se pelos princípios ou métodos das ciências físicas e naturais.

Entretanto, alguns estudiosos começaram a alegar que as respostas obtidas através da interpretação dos dados ficavam, geralmente, caracterizadas apenas pelas realizações

do procedimento empírico e, com isso, poderiam não deixar transparecer as informações, num contexto mais profundo, com relação ao objeto pesquisado.

Desta maneira, foi-se percebendo que nem todos os problemas na área da educação poderiam ser abordados quantitativamente e assim, começaram a perceber que as observações obtidas das questões ligadas à cultura do povo, por exemplo, necessitavam ser tratadas de forma diferenciada daquelas que já vinham sendo consideradas frequentemente normais pelo delineamento das ciências naturais.

Se por um lado, a postura qualitativa poderia estar dando respostas às realidades sociais nas dimensões tradicional e positivista, por outro lado, a posição qualitativa, necessitava abrir caminhos para seguir orientações teóricas que permitissem alcançar a confiabilidade dos resultados.

Devido à diferença entre elas, tanto do ponto de vista filosófico, quanto do ponto de vista metodológico operacional, surge então, todo um discurso entre estas duas correntes de pensamento.

Moreira diz que do ponto de vista filosófico, a distinção entre a pesquisa qualitativa e a pesquisa quantitativa está nos debates entre realismo e idealismo (MOREIRA, 1997)

Os realistas consideram a realidade independentemente do sujeito e do investigador e que a atividade de investigar não deve interferir diretamente no que está sendo investigado. Em contraste, os idealistas preferem argumentar que sujeito, objeto e pesquisador, mantêm relação unívoca e o que está sendo investigado, depende do processo de investigação, uma vez que, este interfere na realidade, através das investigações sobre os dados.

Triviños do lado metodológico-operacional, ressalta o ambiente como um fator importante no qual as atividades a serem desenvolvidas podem alcançar compreensões mais claras. Para ele o meio ou contexto em que tudo acontece, exerce influências sobre os sujeitos, que podem ser desvendadas através dos significados que se estabelece, especialmente constituído por elementos culturais. A sala de aula é vista como um ambiente organizado social e culturalmente, no qual os significados são adquiridos ou compartilhados. A pesquisa qualitativa procura evidenciar os significados no contexto onde eles aparecem e que as pessoas procuram atribuir aos fenômenos naturais. No positivismo, eles foram considerados como aspectos de menor importância e, portanto, não consideráveis (TRIVIÑOS, 1997).

Uma consideração a ser feita, nestes dois tipos de pesquisa, está nos passos a serem seguidos para realizar uma investigação. Ambas, de forma geral, seguem uma rota comum para conseguir os seus propósitos, porém, alguns detalhes precisam ser esclarecidos.

A utilização da expressão investigação qualitativa é usada como um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características. Os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas e de complexo tratamento estatístico. As questões a investigar não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis, sendo, outrossim, formuladas com o objetivo de investigar os fenômenos em toda a sua complexidade e em contexto natural. Ainda que os indivíduos que fazem investigação qualitativa possam vir a selecionar questões específicas, à medida que recolhem os dados, a abordagem, a investigação não é feita com o objetivo de responder a questões prévias ou de testar hipóteses (TRIVIÑOS, 1997).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O resultado do trabalho é qualitativo, pois busca explicar o desenvolvimento da resiliência, nesta perspectiva da ação docente, seguindo análises dos pensamentos estruturados na Filosofia, na Sociologia, na Psicologia, na Antropologia, na Pedagogia, trabalhando com o universo de significados, crenças e valores, correspondendo ao espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Os resultados demonstraram que ainda há muito por fazer na formação de professores para uma melhor compreensão de desenvolver resiliência em sala de aula, especificamente, ou onde se encontre, em caráter geral.

RESILIÊNCIA E SEU DESENVOLVIMENTO

A resiliência é compreendida como uma capacidade do ser humano em lidar, de forma significativa e adequada, com problemas, superando obstáculos e situações adversas e/ou traumáticas, sem entrar numa crise emocional ou física, por compreender que a vida nos oferece *altos e baixos*, ou seja, facilidades e dificuldade e, quando estas surgem serão aceitas como oportunidades de crescimento.

Lendo o livro *Em busca de sentido*, de Victor Frankl, deduzi que a resiliência se estrutura no autoconhecimento, na autoestima, na determinação, na motivação e na espiritualidade, sendo o *instrumento* apropriado para a realização de uma vida equilibrada, centrada, responsável, cidadã. (FRANKL, 2000).

“Quem olha para fora, sonha. Quem olha para dentro, acorda”, disse com muita propriedade Carl Gustav Jung, o criador da psicologia analítica.

Quem somos? A compreensão sobre quem somos é essencial. Quando iniciamos essa tarefa, focalizamos adequadamente o melhor em nós: **somos qualidades** e **temos falhas/defeitos**. Ao conhecermo-nos trabalhamos para ampliar as qualidades latentes em nós, buscando formas significativas para superar nossas deficiências, nossos vícios. Seria como o empreendedor que deseja aumentar o seu empreendimento. Primeiro, precisa conhecê-lo bem, conhecer o mercado, até onde vai o alcance de seus negócios, para depois buscar maneiras de ampliá-lo.

O autoconhecimento nos traz segurança, confiança no nosso poder pessoal e na capacidade de transformarmos a nossa realidade interna, primeiramente, para trabalharmos na realidade externa. Logo, o autoconhecimento está pautado naquele antigo axioma ensinado pelos mais antigos filósofos como Sócrates: “**Conhece-te a ti mesmo**”. Isto significa ter consciência de si mesmo, percepção dos próprios sentimentos, conhecer o sentido da própria vida. Fazer uma avaliação realista e otimista das próprias capacidades de modo a desenvolver o autoencontro gerador da autoestima e da autoconfiança (JAEGER, 1995).

O passo seguinte estará na determinação, exercitando-se continuamente à vontade. A experiência interior de “querer” poderá ser reconhecida, por exemplo, durante um momento de meditação, enquanto examinamos com atenção nossas motivações; isto poderá nos incitar a determinada linha de ação. Um sentimento interior nos torna conscientes da realidade da vontade, por meio de uma convicção tão forte que se afirma de um modo irresistível. Todavia, o modo mais simples e frequente de descobrirmos nossa própria vontade é através da ação e da luta determinada. Ao realizarmos um esforço físico ou mental, ou em ocasiões de luta ativa contra um obstáculo, ou de confrontação com forças opostas, sentimos que dentro de nós surge uma força: é a energia interior que nos proporciona a experiência de “querer”.

Assim, superamos limites, enfrentamos desafios, rompemos preconceitos, desenvolvemos potenciais, exercitando a resiliência. Homens e mulheres da nossa história enfrentaram momentos difíceis exercitando a *ferramenta* da resiliência para a superação das dificuldades. Exemplo de resiliência, Martin Luther King Jr e Madre Tereza de Calcutá, ambos Prêmios Nobel da Paz, em 1964 e 1979, respectivamente. Eles sempre estiveram motivados (COLUMA, 2007).

A automotivação significa estar motivado para a vida. Também é resultado do autoconhecimento que gera a percepção do verdadeiro sentido da vida. Quando percebemos a vida em seu sentido verdadeiro utilizamos os sentimentos de entusiasmo, perseverança e tenacidade para conquistar o nosso propósito existencial, missão de vida, objetivos e metas de uma forma bem direcionada e segura.

A automotivação é algo que advém do conhecimento de si mesmo e da confiança em que podemos e devemos ser responsáveis por nossas vidas, que devemos ser proativos. Nossos resultados dependem de nossas atitudes diante do que a vida nos oportuniza e ainda mais, nós fazemos as nossas oportunidades. Através do autoconhecimento nós tomamos contato com nossos potenciais interiores, onde definimos o sentido de nossa vida, fato que estará gerando a nossa automotivação.

Podemos dizer que a partir da definição do verdadeiro sentido de nossa vida nos conectamos com o “motivo-para-ação” na vida. Assim sendo, a nossa motivação para todas as situações do dia-a-dia, pessoal e profissional, é consequência deste motivo maior (CERQUEIRA FILHO, 1999).

Quando conectados com nossa verdadeira realidade humana, que somos responsáveis pelo nosso passado, presente e futuro e que podemos mudar as condições do meio a partir das condições internas, nós encontramos sentido para o que fazemos, conseguimos perceber a necessidade de perseverar para fazer o melhor para nós e para o mundo, considerando que nós somos participantes deste universo.

As pessoas automotivadas são aquelas que definem claramente os resultados desejados, internos e externos, em cada atividade e então se motivam por esses resultados. Elas não ficam dependendo de empurrões para saírem em busca do que querem. As pessoas emocionalmente inteligentes, que tem automotivação desenvolvida, realizam para elas mesmas e nesta busca de autorrealização acabam realizando para o mundo. (BRANDEN, 2002).

Podemos resumir que motivação é aquilo que nos leva a despender energia numa direção específica com um propósito específico. No contexto da inteligência emocional motivar-se significa usar nosso sistema emocional para catalisar todo um processo que desejamos efetivar e mantê-lo em andamento. Para nos automotivar precisamos utilizar uma estratégia de motivação.

Falta-nos falar sobre a espiritualidade: algo inerente ao ser humano. Todos nós buscamos a nossa própria espiritualidade, encontrar a nossa essência interior, quer estejamos conscientes ou não disso. Todo ser humano busca um sentido para a sua vida, ato na qual reside a sua espiritualidade. O vazio existencial na qual a civilização ocidental se encontra imersa na atualidade, vem exatamente do distanciamento da própria espiritualidade a que ela foi lançada pelo paradigma materialista. Espiritualidade, portanto, significa a busca da própria essência interior, fato que se constitui uma necessidade de todo ser humano. Por isso que toda ciência tenderá, de agora em diante, sob pena de se tornar estéril e inútil, a proporcionar este

autoencontro ao ser humano. Este é o grande papel da psicologia humanista consciencial (LELOUP; BOFF, 1999).

Então, pesquisar sobre a resiliência na relação pedagógica entre professores, alunos, coordenação e direção é importante para compreendermos o lidar das dificuldades psicossociais no cotidiano da sala de aula. Superar os problemas enfrentados pelos docentes tem consistência teórica na resiliência, no conhecimento de que o docente pode contribuir como facilitador/mediador da resolução de conflitos.

Toda criança na Escola trouxe, consigo, dilemas de toda ordem e o professor enfrenta esta batalha sem compreender que existem possibilidades de enfrentá-la com dignidade e com aporte teórico consistente. Necessita-se, no entanto, de políticas públicas para a formação docente, continuada e de qualidade. Os estudos sobre a resiliência, portanto, seria material primordial para a atuação docente eficaz e realista.

O CONCEITO DE RESILIÊNCIA

A resiliência é a capacidade do indivíduo ou grupo resistirem a situações adversas, num processo de ressignificação e compreensão da vida, de forma continuada. A resiliência é, frequentemente, é conhecida através de processos que explicam a superação de crises e adversidades em grupos, organizações e indivíduos (YUNES & SZYMANSKI, 2001).

Ser resiliente não significa ser super-homem ou supermulher, saindo sempre ilesos de uma situação de estresse, ou risco, ou experiências adversas. Podemos cair, mas a resiliência está no esforço, na capacidade de levantar-se e examinar, com tranquilidade o que aconteceu, tornando o acontecimento numa oportunidade de crescimento.

O termo na medicina representa a capacidade de resistir a doenças, infecções ou intervenções, com ou sem o auxílio de medicamentos. Recentemente esse conceito foi assimilado pela saúde pública, podendo representar promoção da saúde, do bem-estar e da qualidade de vida.

PROBLEMAS PSICOSSOCIAIS E O DOCENTE PARA RESILIÊNCIA

A abordagem psicossocial está intimamente ligada às contribuições da psicologia social. Numa perspectiva transdisciplinar as representações sociais surgem num campo multidimensional que possibilita questionar, de um lado, a natureza do conhecimento e, de outro, a relação indivíduo-sociedade, inserindo este campo de estudos entre as correntes epistemológicas atuais.

Sabe-se que a escola é um espaço humano, social, intermediário entre família e sociedade, dispondo então da oportunidade para aferir os sintomas e sinais que indicam que a criança já sofreu ou tem sofrido algum problema psicossocial; permite um acompanhamento e encaminhamento para autoridades e/ou profissionais competentes. Cabe também ao educador estar atento às mudanças de comportamento e desempenho de seus alunos e alunas dentro e fora da sala de aula, já que o que desencadeou tais alterações pode ser a causa de uma possível falta de concentração ou dificuldade no aprendizado (CHALITA, 2001).

Para algumas crianças a instituição escolar se torna um refúgio para os problemas, uma vez que, tanto o ambiente escolar, quanto os professores, as professoras, as coordenadoras, a direção, deverão desempenhar um papel importante para elas, neste período difícil. Os líderes da educação tornam-se tutores de resiliência. A resiliência, portanto, é uma temática possível e desejável para nos aprofundarmos neste momento.

RESILIÊNCIA E A ATUAÇÃO DOCENTE

A capacidade para resistir adequadamente às pressões torna-se cada vez mais importante para que o educador saiba lidar com os problemas dos alunos. Logo, a formação docente deve contar com esta estratégia, na sua formação continuada.

O autoconhecimento, uma das dimensões estruturantes da resiliência, contribui para que os docentes compreendam seus alunos sob uma nova perspectiva. Saber distinguir muito bem as pessoas de seus comportamentos. Qualquer pessoa sempre será maior que seus comportamentos. Os comportamentos mudam, portanto, são impermanentes, a pessoa foi, é e sempre será a pessoa, portanto, permanente. Todos podem têm capacidade infinita na elaboração de ideias, raciocínio, pensamento crítico, apreensão de conceitos e outras capacidades intelectuais, então a facilitação será o ponto chave para que tais capacidades aflorem e se desenvolvam com sucesso. Ser um facilitador para a resiliência seria um papel importante para o professor contemporâneo (LELOUP, 1998).

Compreendendo que as adversidades vivenciadas por crianças e jovens podem afetar o estado de humor, o relacionamento com os companheiros de classe, gerando uma baixa autoestima, e, conseqüentemente, criar um *fraco* desempenho escolar, os docentes procurarão refletir sobre o desenvolvimento da inteligência infantil, e como favorecer este desenvolvimento, enxergando a criança como um ser emocional, um ser que interage com um universo objetivo e subjetivo e que é dotado de uma capacidade intelectual que lhe propicia uma organização e interpretação dessas relações com o meio. Ou seja, a criança é um ser simultaneamente biológico, afetivo, social, cognitivo e espiritual. Sendo assim, deverá trabalhar

de modo a contribuir para que seus alunos superem deficiências circunstanciais, respeitando as diversidades, visando à inclusão dos mesmos no contexto da escola comum (SAVIANI, 2009).

Para educar é preciso ser educado. Para ensinar resiliência é preciso ser resiliente. O maior e melhor instrumento pedagógico para ensinar alguém é o exemplo. Processos educativos, de convivência, devem facilitar o amadurecimento contínuo dos alunos para saberem enfrentar as dificuldades da vida. Elaborar os conflitos e seguir novamente o caminho do desenvolvimento é o objetivo do exercício da resiliência. Isto fortalece a característica psicossocial do/a aluno/aluna devendo ser construída e manejada pedagogicamente dentro e fora do ambiente escolar.

Existe modos resilientes para lidar com os alunos e suas histórias de vida, ensinando, positivamente, a sua caminhada escolar. As dificuldade em aprender não estão apenas no aspecto cognitivo, mas no processamento de emoções traumáticas vividas, impedindo de prosseguir na aprendizagem, ocasionando o déficit.

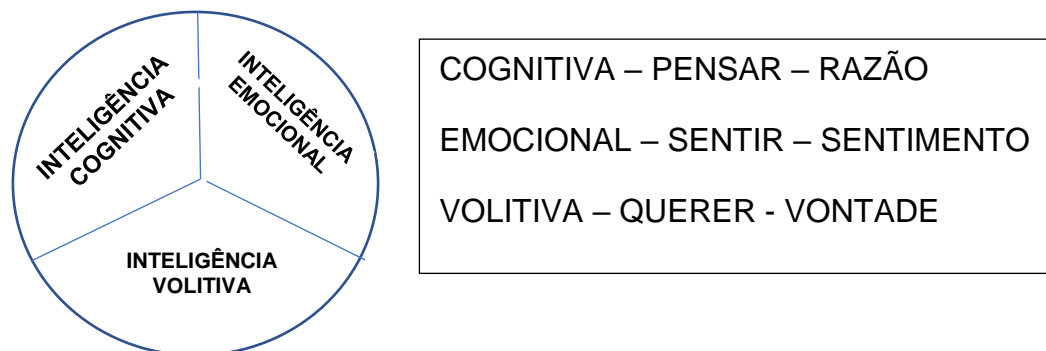
A prevenção, então, deverá ser o caminho primeiro, afastando, por assim dizer, os problemas sociais graves, preparando um futuro melhor, para uma vida mais saudável em seu sentido amplo. A escola tem uma função que vai além da produção e reprodução do conhecimento. Os incentivos, os exemplos são importantes para a formação do ser, promoção de sua saúde, qualidade de vida e bem-estar.

A resiliência promovida na integração família/escola poderá responder melhor as demandas da sociedade. A formação dos educadores deveria primar por aspectos relacionados ao apoio aos estudantes que passam por fortes adversidades com o intuito de ajudá-los a saírem mais fortes destas. A escola possui o diferencial de poder promover uma base duradoura na formação da personalidade do indivíduo.

APRENDIZAGEM E RESILIÊNCIA

Antes de qualquer pensamento sobre a aprendizagem e resiliência podemos refletir sobre a inteligência humana. Como ela é? A Inteligência é uma só, contudo, didaticamente podemos dividi-la em três partes, conforme o esquema descrito na Figura 1.

Figura 1. Fluxograma da aprendizagem e resiliência



Assim temos: pensar, sentir e querer; razão, sentimento e vontade. O uso das inteligências emocional e volitiva leva-nos a aplicabilidade do que sabemos, humanizando sempre as nossas relações: primeiramente a intrapessoal e posteriormente a interpessoal. Isto nos traz sucesso.

Os lares, as escolas e as igrejas, nos últimos tempos, têm privilegiado, sobremaneira, as pessoas portadoras de muito conhecimento. Estas, se não usarem correlativamente as inteligências emocional e volitiva, poderão se deixar facilmente trair pela vaidade e com isso se tornarem até arrogantes. Ora, toda ação, todo posicionamento de arrogância não permite aplicar corretamente o que sabemos.

Cosme Massi em seu artigo sobre Educação Integral assevera que o **pensar** e o **querer** são as faculdades ativas do homem integral, o **sentir** é a faculdade passiva. Nesse sentido, podemos dizer que o **pensar** e o **querer** partem do homem, o **sentir** acontece nele. A passividade da faculdade de **sentir** é uma decorrência do fato de que o homem simplesmente se percebe "sentindo", o **sentir** surge nele. Por outro lado, o **pensar** e o **querer** surgem dele. Podemos caracterizar a atividade e a passividade dessas faculdades pelas expressões "exercer uma ação" e "receber uma ação". Quando o homem pensa ou quer, exerce uma ação, quando sente, recebe uma ação (MASSI, 2006).

Pelo **pensar**, o homem raciocina, argumenta, representa, imagina, idealiza, calcula, julga, etc. A ciência, a matemática e a filosofia são seus frutos mais importantes.

Pelo **querer**, o homem age, decide, realiza, executa uma ação, etc., transformando o mundo e a sociedade continuamente. Nesse reino da vontade, o homem encontra o dever. O dever é a obrigação moral do homem para consigo mesmo e para com o seu semelhante. Com ele nos deparamos nas mais diversas situações da vida, desde as mais ínfimas, como nos atos mais elevados. Estabelecer como o homem deve agir nas mais variadas situações da vida é um dos atributos do **querer**. Como suas mais importantes realizações, temos a ética, a moral, o direito e a política.

Com o **sentir**, o homem percebe e recebe as impressões do mundo à sua volta e as do seu próprio mundo interior. As sensações físicas ou psicológicas, as emoções ou sentimentos são algumas das formas de ser dessa faculdade notável. Dela nascem as artes e a estética, a música e a poesia.

Associados a essas três faculdades, temos os mais importantes valores da cultura humana: a verdade, a beleza e a bondade.

As ciências e a filosofia investigam a verdade. A estética e as artes cultuam a beleza. A ética e a política visam ao bem.

A história da nossa cultura reflete uma incansável busca desses valores. Reunidas num todo e elevadas ao mais alto grau de desenvolvimento, essas três faculdades caracterizam o homem e a mulher integrais.

Associados a essas três faculdades, temos os mais importantes valores da cultura humana: a verdade, a beleza e a bondade.

As ciências e a filosofia investigam a verdade. A estética e as artes cultuam a beleza. A ética e a política visam ao bem.

A história da nossa cultura reflete uma incansável busca desses valores. Reunidas num todo e elevadas ao mais alto grau de desenvolvimento, essas três faculdades caracterizam o homem e a mulher integrais.

Na educação, e principalmente, na relação professor e aluno, a resiliência daria à aprendizagem uma nova perspectiva. O desenvolvimento humano e aprendizagem podem ser visto pelo crivo resiliente (MASSI, 2006).

O Construtivismo, que tem como base o teórico Jean Piaget, psicólogo e educador suíço propõe que o aluno constrói o conhecimento, sendo ele um sujeito ativo na aprendizagem, num processo de ensino e aprendizagem individual. Nesta abordagem, o conhecimento é adquirido a partir da relação entre sujeito e objeto, na qual temos como principal na relação o sujeito. Este conhecimento é construído pelo sujeito e se torna próprio deste, pois o mesmo não apenas o ouviu de outro, mas experimentou através do contato e do confronto com o objeto (BECKER, 1992).

Quando se parte da ideia de que o sujeito constrói seu próprio conhecimento nas interações entre sujeito e objeto, pode-se dizer que a resiliência como processo de superação de dificuldades e contrariedades, não está longe da linha de pensamento piagetiano. Diante disto, o mundo, a sociedade e todo o contexto de vida colocam o indivíduo frente a um problema, e este indivíduo deverá ser capaz de não apenas resolvê-lo, mas conseguir prosseguir seu caminho levando sobre si o gozo de experimentar e vencer as adversidades que lhe são colocadas. O sujeito deverá ser ensinado de maneira tal que não venha se submeter a ser um produto do meio em que vive, mas a partir da própria educação internalizada, deverá receber condições para vencer os desafios que são levantados na vida de qualquer ser humano, e utilizá-los sempre a seu favor e para o bem comum.

A aprendizagem segundo a linha sócio-histórica também atenderia à premissa resiliente, uma vez que a aprendizagem nesta é uma via de mão dupla, partindo do professor e

do mesmo modo do aluno assim como nesta corrente de pensamento. A resiliência exige uma aprendizagem de construção compartilhada, progressista e dialética. Os sujeitos segundo os sócio-históricos são interativos, seres sociais construtores da individualidade, mediada pela cultura. Como representantes da psicologia sócio-histórica encontra-se Vygotsky e pode-se incluir Wallon como aquele que concebia o lado social e genético. O segundo complementa para a resiliência um maior enfoque na compreensão das emoções.

O professor, para Vygotsky, é o mediador ativo de conhecimento para alunos também interessados em aprender. O ensino seria um processo social e a aprendizagem que ele gera sucinta a evolução através da relação interpessoal. A aprendizagem nada mais é que a apropriação de saberes acumulados na história e o ensino a organização da experiência a serem apropriadas. A aprendizagem realiza-se num contexto de interação, através de internalização de instrumentos e signos levando a uma apropriação do conhecimento. A aprendizagem precederia o desenvolvimento, sendo um processo de construção compartilhada, uma construção social. Daí o grande valor da escola e do professor para este teórico. Cabe aqui o ensino das relações pessoais de como enfrentar a realidade e seus problemas.

Henri Wallon encarava a aprendizagem ou a apropriação dos instrumentos de origem social, também através de símbolos e principalmente da linguagem. Todavia não se separaria o cultural do biológico, ou o intelectual do emocional. Ele explica que a determinação da emoção de uma pessoa não vem só pelo seu meio, mas também pela sua parte orgânica, a ontogênese. Ambas estão atuando juntas em maior ou menor proporção (DE ARAÚJO, 2011).

A emoção seria um resultado tanto do aspecto fisiológico, quanto do social. As emoções dependeriam do hábito e do temperamento do ser humano. Elas são transformadas nas relações sociais, nas trocas e interações entre pessoas. Quando a emoção evolui, a sua forma de manifestar também evolui. Os conflitos de ordem emocional segundo a teoria waloniana estimulam o desenvolvimento uma vez que ultrapassá-los exige serenidade e equilíbrio. Nesta situação de superação há o amadurecimento da inteligência e da emoção. Portanto somente existe desenvolvimento humano quando há conflitos a serem vencidos.

A aprendizagem na luz da resiliência é primordial para a melhor compreensão da relação professor e aluno. Assim como conhecer o conceito de resiliência e atuação docente, bem como entender o que seria problemas psicossociais e como eles são desenvolvidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão sobre autoconhecimento, autoestima, determinação, motivação e espiritualidade, substancializa os enfrentamentos significativos e adequados para a resolução de problemas. As cinco dimensões, no seu sentido humano, filosófico, psicológico, por exemplo, abre porta para uma vida saudável, física, emocional, psicológica, social e espiritual, conforme afirma a Psicologia Humanista, a Psicologia Relacional e outras ciências dentro de um paradigma holístico.

A resiliência parece ser plausível, em nossas consideramos. Esforços continuados para p desenvolvimento das cinco dimensões estruturam a resiliência afinando a empatia, a solidariedade, a fraternidade, virtudes que facilitam – *in totum* – a convivência humana.

A assertividade descrita no parágrafo acima fará uma diferença na prática pedagógica quando se estabelece ou não se estabelece uma relação harmoniosa entre docente e discente. Comprometimento com a colaboratividade, com a formação humana, humanizadora, humanizável, gera ações pedagógicas para a formação cidadã efetiva.

Resta-nos dizer que esperamos que outros trabalhos semelhantes a este possam surgir, concitando, ato contínuo, a melhor formação de homens e mulheres integrais que transformem a sociedade para melhor, a partir da melhoria que consigam realizar em si mesmos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Celso. Resiliência: a construção de uma nova pedagogia para uma escola pública de qualidade. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

ASSAGIOLI, Roberto. Psicossíntese: manual de princípios e técnicas. 1ª ed. Ed. Cultrix: São Paulo – 1997.

_____. O ato da vontade. 2ª. ed. Cultrix: São Paulo, 1993.

BECKER, F, O que é Construtivismo?, Revista de Educação AEC, Ano 21, Nº 23, Abri/Junho de 1992.

BRANDEN, N. Autoestima e os seus seis pilares. Tradução de Vera Caputo. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

BRASIL. Lei LDB: de diretrizes e bases da educação: lei n. 9.394/96. Apresentação Esther Grossi. 3. ed. Brasília: DP&A, 2000.

CAVALCANTI, Albérico Cony. Ciência e espiritualidade: O que pensam professores de Física da UFMT sobre a relação ciência e espiritualidade. 2006. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências) - Coordenação dos Programas de Pós-Graduação de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Mato Grosso.

- _____. Alta-Floresta, 2015. Apostila do curso de pós-graduação em Psicopedagogia com ênfase infantil. Disciplina: Bases neurais da memória e aprendizagem; da Faculdade AJES – Associação Juinense de Ensino superior.
- CERQUEIRA FILHO, A. Uma Abordagem Holístico-Transpessoal da Educação. Cuiabá, 1999. (Apostila do Curso de Especialização sobre Psicologia Transpessoal aplicada à Educação – Instituto Brasileiro de Plenitude Humana).
- CHALITA, G. Educação: a solução está no afeto. 6ª Ed. São Paulo: Gente, 2001.
- CHUNG, Tom. Qualidade começa em mim: manual neurolinguístico de liderança e comunicação – ED. MALTESE – 5ª ED 1998.
- COLUMA, Elizabeth dos Santos. Como educar para a paz. *Psicol. Esc. Educ. (Impr.)*, Campinas, v. 11, n. 2, p. 431-433, dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572007000200023&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 set. 2017.
- DANTAS, Heloysa. A infância da razão: uma introdução à psicologia da inteligência de Henri Wallon. São Paulo: Manole, 1990.
- DE ARAÚJO, J. O. G. resiliência em sala de aula. *Brasil Escola*, 2011. Disponível em: <<http://educador.brasilecola.uol.com.br/sugestoes-pais-professores/influencias-historia-quadrinhos-na-educacao.htm>>. Acesso em: 17 set. 2017.
- FRANKL, E. Viktor. Em busca de Sentido. Um Psicólogo no Campo de Concentração. 11ª edição. Rio de Janeiro: Editora Sinodal-Vozes, 2000.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 33. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GOLEMAN, Daniel. *Inteligência Emocional*. 59ª ed. Ed. Objetiva: Rio de Janeiro. 1995.
- JAEGER, W. *Paidéia: A Formação do Homem Grego*. Martins Fontes, São Paulo. 1995.
- JUNQUEIRA, M. F. P. S.; DESLANDES, S. F. Resiliência e maus-tratos à criança. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.19, n.1, p. 227-235, jan/fev. 2003.
- LELOUP, Jean-Yves. *Cuidar do ser: Fílon e os terapeutas de Alexandria*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- LELOUP, Jean-Yves; BOFF, Leonardo. *Terapeutas do deserto: de Fílon de Alexandria e Francisco de Assis a Graf Dürckheim*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- LUDKE, M. e ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. Ed. Pedagógica e Universitária. São Paulo: 1986.
- MASSI, D. B. M. O homem integral. *Revista Educacional*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 47-51, 2006.
- MOREIRA, Antonio Flavio. *Currículos e programas no Brasil*. Campinas: Papyrus, 1997.

- PINHEIRO, Débora Patrícia Nemer. A resiliência em discussão. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 9, n. 1, p. 67-75, 2004.
- SAVIANI, D. Os saberes implicados na formação do educador. In: BICUDO, M. A. V.; DA SILVA JUNIOR, C. A. *Formação do Educador*. 1. ed. São Paulo: Unesp, 1996.
- _____. *Escola e democracia*. São Paulo: Autores Associados, 2009.
- SPINK, Mary Jane P. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.9, n.3, p. 300-308, jul./set. 1993.
- TANCREDO, Ana Cláudia Kaslauskas et al. *Afetividade na Educação*. Belo Horizonte: UEMG, CBH, FaE/ Curso de Pedagogia, 2005.
- TAVARES, José. *Resiliência e educação*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- TRIVIÑOS, Augusto N. S. *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais. A Pesquisa qualitativa em Educação*. 2ª ed. Atlas. São Paulo, 1997.
- YUNES Maria. A. M., SZYMANSKI H. Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In: Tavares J, organizador. *Resiliência e educação*. São Paulo: Cortez; 2001. p. 13-42.